

---

## RE: o refazer do Sertão-Brasília

*Estevão Monti*

Mestre em Política e Gestão Ambiental pelo Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS-UnB) e professor da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal.

*estevaomonti@hotmail.com*

### Resumo

As histórias de vida dos sertanejos que participam do vídeo *Sertão-Brasília* e as dos seus filhos e netos residentes em Brasília denunciam a crise instalada no sertão do *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa. Ela advém do pacto de modernidade firmado entre Juscelino Kubitchek e o capital financeiro internacional, no início da construção de Brasília. Fundado no paradigma da complexidade de Edgar Morin, nas metáforas do pacto e do namoro extraídas do romance rosiano e nos depoimentos que integram o vídeo, este artigo aponta a cultura sertaneja como fonte de possibilidades para saída do pacto, reorganização do sistema Sertão-Brasília e reconquista da sustentabilidade.

*Palavras-chave: complexidade; pacto; multirreferencialidade; sustentabilidade; reorganização.*

### Abstract

Sertão-Brasília is a video presenting episodes and tales about the countrymen's life in the Central Plateau of Brazil and about their children and grandchildren who now reside in the national capital. This video graphically shows the crisis existing in the countryside depicted in João Guimarães Rosa's monumental novel, *Grande Sertão: Veredas*. This tension emerges from the pact of modernity sealed between Juscelino Kubitchek and the international financial capital in the early stages of the city of Brasília's construction. Based on the Paradigm of Complexity developed by Edgar Morin, the pact and love affair metaphors drawn from Guimarães Rosa's novel, and the autobiographical testimonies that compose the video itself, this article shows the Brazilian countryside culture as a potential source for withdrawal from antiquated pacts, reorganization of the traditional Sertão-Brasília axis, and sustainability reconquest.

*Key words: complexity; pact; multireferentiality; sustainability; reorganization.*

## Introdução

Problemas como “a proletarização, que faz do salário o elemento central de sobrevivência; a concentração da população em centros urbanos, que rompe o vínculo imediato com a natureza como meio de subsistência [...]” (LAURELL, 1997, p. 153), atingem hoje a maioria dos países. Somado a isso, “a missão providencial do poder público, em termos de identificar estratégias e promover o desenvolvimento, é substituída, no discurso tecnocrático, pelo mercado, entendendo-se este como um deus *ex-machina*” (BURSZTYN, 1988, p. 156) que, na maioria dos casos, promove a concentração da renda e exclusão social.

O objetivo deste artigo é apresentar a cultura sertaneja como referência de sustentabilidade para o Sertão-Brasília, sistema que emergiu do encontro da capital do Distrito Federal com o sertão do *Grande Sertão: Veredas (GS:V)*, de João Guimarães Rosa. Inicialmente, com base nas metáforas do pacto e do namoro extraídas do romance, é definido o pacto de modernidade que interrompeu o namoro de Brasília com o sertão, daí emergindo o ‘RE’ como uma brecha para a reversão da crise que se instalou no Sertão-Brasília.

As conseqüências do pacto são assinaladas pelos depoimentos de sertanejos que vivem nas regiões descritas pelo *GS:V* e de seus filhos e netos residentes em Brasília. Na discussão, são considerados: a definição de RE proposta por Edgar Morin, autores preocupados com a sustentabilidade e o romance rosiano. Tais depoimentos foram extraídos do vídeo Sertão-Brasília. Ele apresenta os resultados da pesquisa realizada no curso de Mestrado em Política e Gestão Ambiental do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília, sob orientação da Professora Laís Mourão de Sá. Nela, buscavamos compreender as interações entre Brasília e o sertão do romance *GS:V*.

Dessa forma, em Planaltina-DF, entrevistei o ‘Seu’ Viriato de Castro Neto, 63 anos; em Buritis-MG, foi o ‘Seu’ Rosa Verte Antônio Pires, 77 anos e, em Sítio do Mato-BA, o ‘Seu’ Abel Oliveira, 75 anos. Os seus filhos e netos entrevistados foram: Saulo Santana de Oliveira e Ludimila de Castro Oliveira, filho e neta do ‘Seu’ Abel, residentes em Taguatinga-DF; José Antônio Rocha, Ivone Freitas Rocha e Érica Rocha, respectivamente, filho, nora e neta do ‘Seu’ Rosa, residentes no Guará-DF.

A conclusão do artigo indica as possibilidades de reorganização do Sertão-Brasília contidas na cultura e linguagem sertanejas.

### **Pactos, namoros e RE**

As metáforas do pacto e do namoro extraídas do *GS:V* organizaram a interpretação das relações Sertão-Brasília. Riobaldo vê, no pacto com o Diabo, uma possibilidade de vitória sobre Hermógenes, jagunço pactário e seu grande inimigo: ele busca o “certo no incerto [...] o demônio na rua, no meio do redemunho” (ROSA, 1994, p. 105), um erro que custou a vida de Diadorim. Todavia, ao narrar sua história, ele quebra o pacto, volta ao namoro com Otacília e, já casado, vai viver no range rede.

No encontro de Brasília com o Sertão, Juscelino Kubitchek de Oliveira (1975, p. 50) reduziu-o a nada, ao afirmar que “O único testemunho da passagem do homem por ali era um pardieiro, pretensiosamente denominado Fazenda do Gama [...]”, rompendo, assim, um namoro que iniciou com a chegada dos bandeirantes e amadureceu com as idéias mudancistas. Então, para assegurar a construção da nova capital, JK fechou um pacto de modernidade com o capital financeiro internacional, o que levaria ao desassossego financeiro, à crise de biodiversidade e ao iminente colapso dos recursos hídricos no Sertão-Brasília.

Contudo, como na história de Riobaldo, o prefixo ‘RE’, presente em todas as organizações vivas, comporta “a idéia de repetição... de recomeço, de renovação [...] de reforço e de comunicação/conexão entre aquilo que de outro modo estaria separado” (MORIN, 1980, p. 311), possibilitando a retomada do livre fluir da vida.

### **Diagnoses**

Os filhos dos narradores do vídeo Sertão-Brasília, residentes em Brasília, reclamam das políticas públicas brasileiras. Saulo, filho do Seu Abel, teve de vir para Brasília ainda adolescente, deixando sua família quando mais precisava de orientação. Por isso, o José Antônio, filho do Seu Rosa, defende que “O governo precisa levar a escola para o campo, o governo precisa levar a saúde para o campo

[...]” E Saulo pondera: “se tivesse uma administração mais honesta com o dinheiro público, onde as verbas liberadas realmente chegassem ao seu destino, talvez resolveria o nosso problema, tanto da cidade grande quanto do campo.”

Ignacy Sachs (2000, p. 86) define a necessidade de maior atenção para com o homem do campo como critério territorial da sustentabilidade que prescreve “a eliminação das inclinações urbanas nas alocações do investimento público, ou seja, configurações urbanas e rurais balanceadas.” Tais “inclinações” caracterizam a nova ordem econômica internacional, consolidada no pós-guerra, o “capitalismo urbano” (FARIA, 1998, p.165) cuja lógica de acumulação, fundamentada na criação de novas necessidades, incorpora a agricultura, redistribuindo-a no mundo de acordo com as demandas urbanas e, dessa forma, estabelecendo que os países menos desenvolvidos produzam aquilo que não é rentável para os mais ricos e comprem destes uma tecnologia cara e inadequada. Assim, a agricultura moderna preconizada apresenta “forte dependência com relação ao capital urbano, seu progresso técnico e comprometimento ideológico” (op.cit. p. 161).

Sob esse jugo, o sertão padece de uma crise ambiental e social sem precedentes, enquanto Brasília incha, perdendo qualidade de vida. O Saulo, brasiliense por necessidade, lembra que começar a vida aqui foi muito difícil porque “o custo de vida é muito alto[...]” A especulação imobiliária, por exemplo, criou uma das moradias mais caras do país, não só no Plano Piloto, mas em todo o Distrito Federal, ‘empurrando’ as pessoas cada vez mais para longe. Hoje é comum trabalhadores de Brasília morarem em cidades goianas como Formosa, Luziânia ou Planaltina de Goiás.

O Seu Viriato denuncia a falta de segurança no Distrito Federal e o José Antônio concorda: “A gente dorme em colchão bom, cama boa, a casa parece segura, mas a preocupação te acorda aí três, quatro, cinco vezes na noite porque o carro está lá fora e o ladrão vai pegar, o seu filho vai chegar [...]” É o desassossego que veio com Brasília e que, segundo o Seu Rosa, chegou a todos os lugares do sertão, um eco da afirmação/indagação de Riobaldo: “Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com sertão. Acaba?” (ROSA, 1994, p. 111).

## Um novo êxodo

As netas dos narradores do vídeo Sertão-Brasília não vêm futuro nos lugares de origem de seus pais. Elas nasceram, cresceram, estudam e querem continuar em Brasília. É como diz Érica, neta do Seu Rosa: “eu sou apaixonada por Brasília”. Além disso, ela pensa que, no sertão urucuiano, não encontraria as mesmas oportunidades oferecidas pela capital. Sua mãe, Ivone, explica: “A minha filha está terminando a faculdade de ciência da computação, para ela no interior jamais tem um campo [...]” Já o José Antônio, pai de Érica, nutre a esperança de um dia retornar para o seu sertão: “Eu estou me preparando. Eu estou querendo retornar lá, estou me preparando com curso de vaquejada, curso de plantio de maracujá, flores [...]”. A Ludmila, filha do Saulo e neta do Seu Abel, concorda com a Érica. Para ela, as carências que um dia forçaram o seu pai a deixar sua família continuam. Como ela sonha oferecer uma boa educação para os filhos, fica difícil pensar em viver no sertão: “se surgisse assim, alguma oportunidade de trabalho, eu iria, desde que eu estivesse solteira [...] porque como eu iria criar os meus filhos lá?”

No entanto, o Saulo e o José Antônio defendem que as cidades grandes deixaram de ser uma opção para quem quer melhorar de vida. Isso tem definido um fenômeno social conhecido como ‘o novo rural’. O *Correio Braziliense*, de 17 de março de 2002, apresenta a matéria *Os neo-rurais estão chegando*. Nela, o secretário-adjunto do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável, Sérgio P. Martins, afirma: “Nos últimos quinze anos, praticamente acabou o êxodo rural, já que as cidades não dão mais uma melhor qualidade de vida que a do campo. O que está em curso no Brasil é um êxodo urbano: são os neorurais, pessoas da cidade em busca de melhor qualidade de vida no campo”. Trata-se de um movimento inverso ao do final do século XIX e início do XX, tempo em que Riobaldo sentia “um aperto de desânimo de sina, vontade de morar em cidade grande” (ROSA, 1994, p. 159).

Essa inversão da relação rural-urbano está ligada ao aumento da diversidade de trabalho no meio rural e à queda da dominação exclusiva da agricultura, o que se deve à crescente heterogeneidade das atividades, opções de emprego e de rendas não-agrícolas, seguidas de uma maior estabilidade econômica e social da população rural. Segundo José E. Veiga (2001, p. 13-14), “uma

região rural terá um futuro tanto mais dinâmico quanto maior for a capacidade de diversificação da economia local impulsionada pelas características de sua agricultura.” Para ele, essa diversificação emerge dos estabelecimentos agrícolas cujas famílias formam uma pequena empresa, pois “Eles são férteis mananciais de habilidades empreendedoras e estimuladores de uma fortíssima ética do trabalho.”

Mas quando confrontado pela esposa e pela filha, o José Antônio avança na discussão e apresenta o crescimento das cidades sertanejas como uma possibilidade de reorganização do sistema Sertão-Brasília. Para ele, a falta de perspectiva apresentada pela filha e pela esposa é temporária: “A gente mora talvez na roça e ela [a filha] fica na cidade. Até porque a cidade de Buritis (MG) está caminhando para uma cidade maior [...]” Sobre isso, Jorge Wilhelm (2001, p. 482) sugere um novo urbano para o século XXI, em que o reforço da agricultura familiar, com melhoria do seu nível técnico e créditos para a complementação industrial, conduziria ao crescimento das cidades rodeadas de atividade rural diversificada e propriedades de tamanho médio. Esse modelo exigiria:

um planejamento regional que orientasse a iniciativa privada dos pioneiros [...], um lançamento de infra-estruturas orientado pelo planejamento local, um financiamento de crédito vinculado a uma elevação técnica da produção, um aumento da educação e formação de sua população e uma valorização do pioneirismo quando eivado de seus aspectos de exploração primária e destrutiva.

Aqui, o manejo ambiental merece atenção, pois a exploração primária destrutiva faz parte da cultura brasileira - os problemas ambientais diagnosticados pelos nossos narradores têm nela a sua origem. Cabe, portanto, definir uma estratégia de saída do pacto de modernidade referido, com a correspondente manutenção de um uso ótimo e sustentável das fronteiras agrícolas. Para tanto, urge abandonar o paradigma positivista que reduz e separa para dominar; carecemos de um novo paradigma que não despreze a complexidade dos nossos problemas, tal como proposto por Edgar Morin (1980, p. 58), quando considera que “ordem, desordem,

organização... e, é claro, interações, desenvolvem-se mutuamente”. Para este autor, o RE é “total (concernindo todos os fenômenos e níveis de organização viva), global (concernindo a vida no seu conjunto) e, enfim, complexo” (op.cit., p. 320).

No entanto, o Saulo sente-se preso a Brasília. Ele até pensa em voltar para Sítio do Mato, na Bahia, onde vivem seus pais, mas, com o salário de lá ele perderia o padrão de vida conquistado como professor em Brasília. O Seu Abel, inclusive, lamenta que as formandas do curso do magistério do seu município o troquem por Brasília, onde “elas se empregam para trabalhar de domésticas nas casas de família ganhando o salário né? Quer dizer que cinqüenta reais aqui para cento e cinqüenta lá em Brasília já é uma ajuda para elas [...]”

Para Afrânio Garcia et all. (2001, p. 60), “A migração também esteve na origem da acumulação de recursos materiais e culturais, à custa de muito sacrifício físico e psicológico que permitiram a muitos descendentes de pequenos proprietários ou ex-moradores escapar das malhas da submissão tradicional [...], da sujeição”. Contudo, o Saulo quer voltar: “Apesar de estar vivendo aqui há 30 anos ainda me considero um sertanejo [...] E a primeira oportunidade que eu tiver de voltar, a gente volta”. Quem sabe acolhendo essas propostas, Bom Jesus da Lapa, Buritis e outras cidades sertanejas revertam a realidade na qual, segundo o Saulo, “A única opção que o sertanejo tem hoje é a cidade grande [...]”

### **Linguagem, cultura e RE**

Ao evocar a idéia de organização ativa, o prefixo ‘RE’ apresenta-se como “um retorno para trás no passado, que ressuscita este passado no presente, e por isso mesmo o catapulta em direção ao futuro” (MORIN, 1980, p. 316). Nos turbilhões do RE, o nosso espírito necessita de estabilidade. Todas as idéias, estratégias, representações, devaneios, sonhos e fenômenos de consciência buscam-na na rememoração, carecem dum retorno subjetivo sobre si. Dependemos então do RE no desencadear de um processo em que o presente se torna o permutador entre o passado e o futuro, convertendo o retro em meta.

O grande erro cometido no pacto de modernidade foi negar o antigo, pois o novo só pode basear-se nele, numa memória, isto é,

no RE, em que o futuro não será o passado nem o presente, porém nada será sem eles. Por isso, o homem precisa da cultura até para o seu próprio desenvolvimento biológico, tornando-se incapaz de sobreviver sem utensílios, armas e símbolos. Sobre isso, o Seu Osmar, sertanejo urucuiano e amigo do Seu Rosa, canta a seguinte curraleira<sup>1</sup> no vídeo:

Eu tenho o canto do carro gravado nos meus ouvido,  
Carro velho abandonado lá na frente do terreiro.  
[...]  
Aconteceu há muitos anos,  
Mas não sai do meu sentido.  
Não tem canga nem campana,  
Onde foi o boi carreiro?

1 Segundo o 'Seu' Rosa, as curraleiras pertencem às Cantorias de Diversão da Folia de Reis e apresentam três partes: o passeio, o trocado e a visita, momento em que um folião sapateia diante do outro.

Assim, como na organização celular existe o patrimônio genético, na sociedade humana, e só nela, emerge o que Edgar Morin (1980, p. 228) denomina patrimônio genérico, a cultura que se aprende, reaprende-se, retransmite-se, reproduz-se de geração em geração, armazenando os saberes, perícias, regras e normas sociais, e que é indissociável da linguagem. Por isso, a linguagem do *GS: V* e também a de nossos entrevistados contém a cultura sertaneja. Elas ofereceram a Riobaldo, e oferecem a nós, as possibilidades de RE, via libertação do pacto.

O Seu Rosa afirma no vídeo que: “Sou da Folia, mas sou do respeito”. É o seu sinal contra o desassossego trazido por JK e o pacto, pois desde então os modelos de desenvolvimento adotados têm invadido as ‘portas da ciência’ do sertão, aquelas pelas quais só devem passar os que forem convidados.<sup>2</sup>

Ao considerar esses aspectos, Ignacy Sachs (2000, p. 85) aponta a cultura como um dos critérios de sustentabilidade, o qual prevê “equilíbrio entre respeito à tradição e inovação [e] capacidade de autonomia para elaboração de um projeto nacional integrado e endógeno (em oposição às cópias servis dos modelos alienígenas)”.

Nos seus depoimentos, os narradores do vídeo Sertão-Brasília reivindicam o “novo que pode salvar a vida [...] novo que rompe com o RE, inscreve-se nele e assim transforma-o e conserva-o” (MORIN, 1980, p. 318). Esse anseio será atendido quando os sertanejos, com sua cultura e linguagem, puderem participar da

2 'Seu' Rosa explica que a casa hospedeira dos foliões apresenta duas portas: a principal e a da ciência: “A porta principal é aberta para qualquer um entrar. E a porta da ciência, como nós compreendemos, porta da ciência, passa dali se for chamado”.



construção dos modelos de desenvolvimento que definirão os rumos de suas vidas. Assim, com a retomada do namoro entre o Sertão e Brasília, o sistema Sertão-Brasília conquistará a sustentabilidade.

## Referências

BURSZTYN, Marcel Introdução á crítica da razão desestatizante. *Revista do Serviço Público*. Ano 49, n. 1, 1988.

DUARTE, Laura Maria Goularti; BRAGA, Maria Lúcia de Santana (Org.). *Tristes cerrados: sociedade e biodiversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 147-168.

FARIA, Magda Eva de. Agricultura moderna, cerrados e meio ambiente. In: DUARTE, Laura Maria Goularti; BRAGA, Maria Lúcia de Santana (Org.). *Tristes cerrados: sociedade e biodiversidade*. Brasília: Paralelo 15, 1998. p. 147-168.

GARCIA, Afrânio; PALMEIRA, Moacir. *A transformação agrária*. In: SACHS, Ignacy. WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio. (Org.). *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 38-77.

MORIN, Edgar. *O Método II: a vida da vida*. Trad. Maria Gabriela de Bragança. 3. ed. Apartado 8, Portugal: Europa-América, 1980.

OLIVEIRA, Juscelino Kubitchek de. *Por que construí Brasília*. 1. ed. Rio de Janeiro: Bloch, 1975. 515 p.

SACHS, Ignacy. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

VEIGA, José Eli da. *O Brasil rural precisa de uma estratégia de desenvolvimento*. Brasília: Convênio FIPE-IICA (MDA / CNDRS / NEAD), 2001.

WILHEIM, Jorge. Metrôpoles e faroeste no século XXI. In: SACHS, Ignacy; WILHEIM, Jorge; PINHEIRO, Paulo Sérgio (Org.). *Brasil: um século de transformações*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 472-487.

---